

Freitas, Rogério Edivaldo

Working Paper

Identificação dos principais compradores de produtos agropecuários Brasileiros

Texto para Discussão, No. 2078

Provided in Cooperation with:

Institute of Applied Economic Research (ipea), Brasília

Suggested Citation: Freitas, Rogério Edivaldo (2015) : Identificação dos principais compradores de produtos agropecuários Brasileiros, Texto para Discussão, No. 2078, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília

This Version is available at:

<https://hdl.handle.net/10419/121718>

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

2078

TEXTO PARA DISCUSSÃO

IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS COMPRADORES DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS BRASILEIROS

Rogério Edivaldo Freitas



IDENTIFICAÇÃO DOS PRINCIPAIS COMPRADORES DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS BRASILEIROS¹

Rogério Edivaldo Freitas²

1. A ideia original deste trabalho inspirou-se em diálogos com Benedito Rosa do Espírito Santo. O autor agradece os apontamentos de Luís Fernando Tironi, Júnia Cristina Peres R. da Conceição, Gesmar Rosa dos Santos e Aguinaldo Nogueira Maciente à versão original deste trabalho. Como de estilo, os erros aqui remanescentes pertencem ao autor.

2. Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset) do Ipea.

Governo Federal

**Secretaria de Assuntos Estratégicos da
Presidência da República**
Ministro Roberto Mangabeira Unger

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Jessé José Freire de Souza

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Hamilton Matos dos Santos

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais, Substituto

Bernardo Alves Furtado

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

Diretor de Estudos e Políticas Sociais, Substituto

Carlos Henrique Leite Corseuil

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Renato Coelho Baumann das Neves

Chefe de Gabinete, Substituto

José Eduardo Elias Romão

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Texto para Discussão

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos direta ou indiretamente desenvolvidos pelo Ipea, os quais, por sua relevância, levam informações para profissionais especializados e estabelecem um espaço para sugestões.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2015

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1. Brasil. 2. Aspectos Econômicos. 3. Aspectos Sociais.
I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: F14; Q11; Q17.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	7
2 UMA BREVE HISTÓRIA NO TEMPO: À GUIZA DE REVISÃO	8
3 DADOS E METODOLOGIA.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	29
ANEXO A	33

RESUMO

Hoje o Brasil demonstra *expertise* na produção, no abastecimento interno e na exportação de uma maior variedade de produtos agropecuários e de seus processados. Ao mesmo tempo, inúmeros estudos demonstram a capacidade competitiva do país nestes produtos, além do projetado crescimento da demanda mundial por alimentos em linha com valores previstos de crescimento da população mundial. Destarte, neste texto buscou-se compreender melhor em quais partes do globo se encontram os principais compradores de produtos agropecuários brasileiros, com base em análise de dados para o período 1997-2013. Em termos de regiões geográficas do globo, a União Europeia e a América do Sul apresentam o maior número de países líderes compradores. Em segundo escalão, os países asiáticos; o Oriente Médio e os africanos são também mercados de liderança na aquisição de produtos agropecuários brasileiros, cabendo ao Oriente Médio uma posição relativamente consolidada na demanda por carnes da produção brasileira. Em terceiro plano, não se pode menosprezar a presença detectada dos três representantes da América do Norte: México, Estados Unidos e Canadá. O trabalho também permitiu identificar uma série de mercados intermediários, que eventualmente guardam o potencial para uma revigorada inserção internacional da produção agropecuária local.

Palavras-chave: agropecuária; exportações; Brasil.

ABSTRACT

Actually, Brazil shows expertise in production, internal supply and exports of an extended variety of agricultural products and their processed products. At the same time, several studies expose Brazil's competitive capacity in those products, and a projected increase in world demands for foods, aligned to an increasing in world population. So, in this study we tried to find a better understand about the main demander countries of Brazilian agricultural products. Data from 1997 to 2013 were employed. In terms of geographical regions European Union and South America are relevant when number of main demander countries is observed. At second, Asian countries, Middle East countries and African countries are also leader markets in demand Brazilian agricultural products, and Middle East countries are highlighted by a relatively consolidated position in buying Brazilian meat. At third, North-American countries also deserve mention. The results permitted to identify intermediate markets, which can represent potential for a better international insertion of Brazilian agricultural product.

Keywords: farming and cattle raising; exports; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A década de 1990 consolidou inúmeras transformações na economia brasileira, as quais causaram profundo impacto na economia local. Neste âmbito, destacam-se as privatizações (Pinheiro e Giambiagi, 1997), a estabilização monetária, a globalização financeira e a abertura comercial (Barros e Goldenstein, 1997; Giambiagi, 2003). A abertura comercial, conquanto iniciada na segunda metade da década de 1980, obteve ímpeto decisivo na década seguinte.

Em particular, o novo ambiente de políticas da década de 1990 conduziu a um considerável ajustamento estrutural na agropecuária brasileira. Sob tal aspecto, Lopes *et al.* (2011), em entrevistas a campo com líderes empresariais da produção agrícola brasileira, detectaram que, na própria visão dos empresários do setor, não se pode pedir e esperar muito mais do governo, e que o governo não pode oferecer muito mais do que já oferece em políticas setoriais.

Desde aquele momento, foi-se tornando clara a importância dos produtos agropecuários e de seus processados para o equilíbrio macroeconômico do país. Na questão dos saldos comerciais,¹ vigoraram *superavit* comerciais agropecuários nos anos de 1989 a 2012 (Freitas, 2014a), mesmo em exercícios nos quais o saldo comercial brasileiro foi negativo. Observe-se a natureza estrutural de tais resultados na medida em que estes foram obtidos em períodos que foram marcados por diferentes moedas, por variados regimes cambiais, por condições comerciais oscilantes, e por crises internacionais.

Ao mesmo tempo, reconhece-se hoje que a produção de alimentos terá que dobrar até 2050, quando a estimativa é que a população mundial atinja a cifra de 9 bilhões de pessoas² (Santana, Contini e Martha Júnior, 2011), cabendo à Índia o protagonismo deste processo no curto prazo (United Nations, 2011).

1. Há quase quarenta anos atrás, Bonelli e Malan (1976) já argumentavam que a capacidade de geração de divisas por meio de exportações é pelo menos tão importante quanto a eventual capacidade de poupar divisas substituindo importações por produção doméstica.

2. Uma discussão válida sobre o debate crescimento da população *versus* crescimento da produção de alimentos esta posta em Johnson (2002). Ali o autor, conquanto tenha uma visão otimista do debate, demonstra que esta preocupação pode ser identificada não apenas nos trabalhos conhecidos de Thomas Malthus, mas inclusive antes, em passagens do próprio texto bíblico.

No cotejo com outros grandes produtores mundiais de alimentos, o Brasil detém boas condições relativas para expansão de sua base produtiva (Contini *et al.*, 2012) e para expansão de sua produção agropecuária. Estimativas de uso de área, por exemplo, mostram relativa³ disponibilidade de terras (Gasques, 2011; Barros, 2012; Freitas, Mendonça e Lopes, 2013; 2014) e rotas de crescimento no sentido centro-noroeste do país.

Produtor histórico de itens como açúcar e café, hoje o país apresenta *expertise* na produção, no abastecimento interno e na exportação de uma variedade maior de produtos agropecuários e de seus processados, aí se incluindo vinhos, sucos de frutas, carnes e suas preparações. Conforme estimativas da Interagency Agricultural Projections Committee (IAPC, 2012), o Brasil será peça-chave nas exportações mundiais projetadas (2021-2022) de milho, soja em grão, carne bovina e carne de frango.⁴

Esse é o pano de fundo deste trabalho, no qual se buscará compreender melhor quem são e em quais partes do globo encontram-se os principais compradores de produtos agropecuários brasileiros. Esta informação possibilitará, em estudos posteriores, uma análise do potencial de crescimento destes parceiros comerciais e seus impactos na tela de oportunidades das exportações agropecuárias do país.

Ademais deste item introdutório, o estudo conta ainda com as seções 2, 3, e 4 as quais foram destinadas, respectivamente à revisão teórica, à apresentação dos dados e da metodologia e à discussão dos resultados. A seção 5 foi reservada às considerações finais.

2 UMA BREVE HISTÓRIA NO TEMPO: À GUIA DE REVISÃO

Um estudo aplicado importante para o tema aqui abordado é Teixeira Filho *et al.* (2001). Estes autores analisaram 59 atividades de produção agropecuária no Brasil, tendo concluído que em 39 casos o coeficiente de proteção efetiva era menor que a unidade, o que demonstrou o elevado grau de abertura e condição de competição internacional do produto agropecuário brasileiro.

3. Relativa porque as restrições ambientais tendem a agir em favor do aumento de produtividade e da adoção de tecnologias poupadoras de fatores de produção.

4. Neste diapasão, a carne de aves deve ultrapassar a carne de porco, tornando-se a carne de maior consumo no período 2014-2023, conforme estimativas da OECD-FAO (2014) (Nogueira, 2014).

De acordo com Contini *et al.* (2012), o Brasil se situará entre os principais exportadores de produtos agrícolas nas projeções para 2014-2022. Os autores discutem os prognósticos feitos pelo United States Department of Agriculture (Usda) neste quesito acerca da posição brasileira futura nos mercados globais: quarto colocado em milho (10,4% do comércio mundial); primeiro colocado em soja em grão (43,1% do comércio mundial); segundo colocado em carne bovina (23,2% do comércio mundial); e primeiro colocado em carne de frango (43,5% do comércio mundial).

Outro estudo (Souza *et al.*, 2012) sinaliza que na produção brasileira, soja, carne suína, milho, carne de aves e açúcar apresentaram vantagem comparativa em relação ao mundo, no período 1996-2007 – com exceção dos primeiros anos para carne suína e milho. A soja apresentou os maiores índices, mas essa competitividade estagnou ao longo dos anos. Entre as carnes, a de aves apresentou os maiores índices e de forma crescente, indicando ser um produto dinâmico, sobretudo, com potencial de crescimento para os próximos anos.

Além desses trabalhos, inúmeros outros avaliaram a capacidade exportadora ou competitiva do país nos mercados mundiais em produtos como açúcar, álcool, carnes (bovina, suína, e de aves), frutas, grãos e óleos vegetais, café, algodão e vinho.

No caso do açúcar, por exemplo, para Nastari (2012) a bem-sucedida ação iniciada em 2001 pelo Brasil na Organização Mundial de Comércio (OMC) contra exportações subsidiadas de açúcar da União Europeia (UE), que ainda contou com a adesão de Austrália e Tailândia, motivou a grande reforma do regime comum europeu para o açúcar, com desdobramentos positivos ainda não concluídos para as exportações brasileiras.

De acordo com Sá, Marino e Mizumoto (2012) historicamente os setores do agronegócio mais prejudicados com os pesados subsídios europeus são os produtores de açúcar, uma vez que a UE é a maior produtora mundial de açúcar de beterraba, e os mecanismos contidos na Política Agrícola Comum (PAC) provocam uma mudança artificial de preços no mercado internacional, prejudicando o açúcar nacional. O projeto de reforma anunciado contempla o fim do regime de quotas no açúcar. Tal regime que define limites de produção nacional e preços mínimos deve terminar até setembro de 2015, ao lado de cortes nas tarifas de importação de açúcar no mercado da União Europeia.

Outro mercado igualmente relevante para este produto é o da Rússia. Os estoques russos de açúcar e a pressão política dos produtores europeus de açúcar de beterraba exercem importante papel no *quantum* exportado de açúcar do Brasil para o mercado russo (Sousa *et al.*, 2011). Para estes analistas, no comércio deste produto, a Índia também é determinante, uma vez que é a maior consumidora mundial de açúcar.

No âmbito das exportações brasileiras de açúcar, não pode ser esquecido o caráter substitutivo (intrausinas) das produções de açúcar e de álcool. Segundo Ferreira, Teixeira e Souza (2009) a quantidade exportada tem maior influência na receita de exportação do açúcar e seus efeitos associados ao preço internacional predominam sobre as variações ocorridas na receita de exportação do álcool. Além disso, a quantidade exportada de açúcar é a variável mais relevante para explicar as variações, tanto positivas quanto negativas, ocorridas nas receitas de exportação deste produto.

Ao mesmo tempo, um segmento recorrentemente citado como de potencial crescimento refere-se às exportações de frutas, via de regra, bloqueadas por questões fitossanitárias.⁵ Neste quesito, conforme Telteboim *et al.* (2007), embora o *Codex Alimentarius* estabeleça padrões para os limites máximos de resíduos (LMRs), outros países adotam suas próprias referências, podendo gerar dificuldades na comercialização internacional de alimentos. Inclusive, de acordo com aqueles analistas, há um número grande de defensivos utilizados na fruticultura que não têm seus LMRs definidos no *Codex Alimentarius*, que é considerado o órgão científico de criação das referências internacionais para resíduos em alimentos.

Além disso, a produção integrada de frutas (PIF) e a implementação na produção das chamadas boas práticas agrícolas (BPAs) favorecem a padronização dos processos produtivos, de maneira a garantir a qualidade dos produtos objetivando atender às exigências internacionais e com a possibilidade de inserir, definitivamente, a fruta brasileira no mercado mundial (Fonseca, Xavier e Costa, 2010; Inmetro, 2010).

Ainda na leitura de Telteboim *et al.* (2007), o Brasil apresenta excelentes condições para se tornar um dos maiores polos produtivos de frutas tropicais para o mercado

5. O setor de carnes brasileiro também sempre foi muito prejudicado pelas barreiras não tarifárias como as barreiras sanitárias (Sá, Marino e Mizumoto, 2012).

mundial.⁶ O clima brasileiro permite a produção de todos os tipos de frutas tropicais e algumas delas proporcionam mais de uma safra por ano.

Na linha da produção de frutas há a produção de vinhos, produto que, sendo praticamente uma iguaria em nichos de mercado,⁷ persiste como um enorme desafio para a produção local. Para Oliveira, Rubin e Silva (2010), por exemplo, a maior inserção do vinho brasileiro no mercado externo continua a ser um desafio, pois a qualidade do produto brasileiro e a valorização por meio do selo de Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos (IPVV) requerem tempo, empenho e divulgação dos produtos de modo a serem reconhecidos internacionalmente.

Outro segmento relevante é o de grãos e óleos vegetais, aí se podendo incluir soja, milho e seus derivados de milho e de soja. De acordo com Trostle (2008), recentemente, no mercado global de grãos e óleos vegetais observaram-se tendências, por um lado, de um crescimento mais lento da produção; por outro, um crescimento mais rápido na demanda. Tal tendência tem contribuído para o estreitamento dos balanços líquidos em tais mercados. Recentes fatores que também têm restringido os mercados mundiais incluem uma elevada demanda global por biocombustíveis.

Para o caso brasileiro, o principal modal utilizado para o escoamento da produção de soja aos portos das regiões Sul e Sudeste é o rodoviário, com destaque para as rodovias BR-163 e BR-364. Pela ineficiência do transporte da soja concentrado no modal rodoviário, embora existam outras vias (hidrovia Tietê-Paraná, ferrovia Brasil Ferrovias, entre outras), o produtor brasileiro tem uma perda média de 25% em suas receitas com o custo de escoamento (Correa e Ramos, 2010).

Conforme esses autores, o problema do escoamento da produção de soja⁸ pelo modal rodoviário é agravado pela deterioração das rodovias brasileiras. Destacam-se aquelas localizadas no Centro-Oeste, em razão da crise financeira do Estado, que fez

6. Estimativas apontam uma redução de aproximadamente 40% dos custos operacionais dos produtores que adotarem a produção de frutas de maneira integrada (Fonseca, Xavier e Costa, 2010). Por outro lado, chama a atenção o fato de não exportarmos determinados bens em que somos reconhecidamente competitivos. Na fruticultura, por exemplo, exportamos apenas duas variedades de mangas para o Japão, e também não temos grande participação no sofisticado mercado nipônico de polpas e sucos de frutas (Nojosa e Souza, 2011).

7. Trata-se de mercados nicho, em que é comum a marca ou selo ser um diferencial já historicamente estabelecido.

8. O mercado externo absorve 40% da produção de soja (Santo, Lima e Souza, 2012).

emergir um cenário de escassez de investimentos na grande área de fronteira agrícola e na infraestrutura de transportes do país. Este é um pesado entrave para as exportações do complexo.

Historicamente é importante também citar o café na pauta de exportações agropecuárias. Tema que foi abordado inclusive em trabalhos clássicos (Furtado, 2007), o produto tem sido responsável por 12% das receitas de divisas obtidas pelas exportações agropecuárias brasileiras, sendo o quinto segmento em participação relativa, conforme Freitas (2014a).⁹ No caso do café, o mercado externo absorve 65% da produção local (Santo, Lima e Souza, 2012).

Por fim, é destacável o recente crescimento da demanda mundial por carnes e proteínas.¹⁰ Há análises (Santana, Contini e Martha Júnior, 2011) que sinalizaram para a necessidade de quase dobrar a produção mundial de alimentos nas próximas décadas para atender à demanda mundial de aproximadamente nove bilhões de habitantes em 2050 (United Nations, 2011). Ao mesmo tempo, tem-se observado o aumento de participação das carnes e miudezas nas receitas de exportações agrícolas totais (Freitas, 2014b; Santo, Lima e Souza, 2012), bem como seus maiores ganhos em termos de vantagem comparativa (Souza *et al.*, 2012).

Todavia, o país tem sofrido restrições comerciais à exportação de carne bovina, o que vem causando sérios prejuízos à cadeia produtiva como um todo (Silva, Triches e Malafáia, 2011). Neste cenário, um exemplo é o caso das exportações de carne bovina para os Estados Unidos. Conforme Antonioli, Ozaki e Miranda (2007) parece não haver uma tendência nítida quanto à evolução e solução dos problemas que vêm sendo apontados pelas auditorias nas unidades industriais exportadoras de carne bovina para os Estados Unidos.

9. Segundo o mesmo autor, os cinco primeiros grupos em importância participativa foram sementes e oleaginosas (15%), carnes e miudezas (14%), resíduos de indústrias alimentares (14%), açúcares e confeitaria (12%) e café e mates (12%), na média do período 1989-2012.

10. Segundo Miele e Waquil (2007) a carne suína é a principal fonte de proteína animal no mundo, mas com um volume de comércio internacional modesto quando comparado às demais carnes.

Em relação ao complexo das carnes, no caso específico das carnes suínas, apesar do acirramento da concorrência internacional, o Brasil apresentou um desempenho excepcional no período 1995-2005, puxado sobretudo pelo seu desempenho no mercado externo, tendo em vista o baixo dinamismo do mercado interno para esse tipo de carne (Miele e Waquil, 2007).

Ademais dos produtos citados, os trabalhos de Nojosa e Souza (2011) e Santana e Contini (2011) enfatizam o desempenho não negligenciável de milho, fumo, álcool e algodão nas exportações agrícolas brasileiras. A título de exemplo, os segmentos de tabaco e manufaturados, cereais e algodão somaram parcela média de 10% nas receitas de exportações agropecuárias no intervalo 1989-2012 (Freitas, 2014a).

3 DADOS E METODOLOGIA

Os dados utilizados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (Brasil, 2014) e compreendem informações anuais do período 1997-2013. Utilizou-se a definição de produto agrícola delineada no Acordo Agrícola da Rodada do Uruguai. Esta taxonomia foi um dos produtos resultantes do esforço de construção de um comércio agropecuário mais livre, sendo o resultado de uma intenção da comunidade internacional, simultâneo à formação da OMC.

Há outras categorizações versando sobre o que seria o produto agropecuário na produção econômica e/ou nos fluxos comerciais; porém, dois elementos advogam a favor da definição adotada. Em primeiro plano, trata-se de categorização em boa medida referendada pelos países integrantes da OMC.¹¹ Ademais, e por consequência, os próprios países negociam acordos comerciais com base nas categorias de produtos definidos no Sistema Harmonizado (SH) de categorização de produtos, caso dos itens definidos no Acordo Agrícola.

Os produtos selecionados conforme este critério constam da tabela 1, e tal categorização inclui produtos já processados em atividades industriais, a exemplo de álcoois industriais (SH29) e vinhos (SH22).

11. Até junho de 2013, a OMC contava com 160 países-membro (WTO, 2014).

TABELA 1
Códigos SH do Acordo Agrícola

Capítulo SH	Itens
1 e 2	Todos
4 a 24	Todos (exceto peixes e suas preparações)
29	2905,43 e 2905,44
33	33,01
35	35,01 a 35,05
38	3809,10 e 3823,60
41	41,01 a 41,03
43	43,01
50	50,01 a 50,03
51	51,01 a 51,03
52	52,01 e 52,03
53	53,01 e 53,02

Fonte: WTO (2011).
Elaboração do autor.

Para os propósitos deste trabalho, analisaram-se somente as Nomenclaturas Comuns do Mercosul (NCMs) que representaram o primeiro decil de alíneas NCM8 com maiores valores de exportações agropecuárias, conforme metodologia aplicada em Freitas (2014b). Os produtos assim selecionados encontram-se na tabela A.1 do anexo A do estudo.

A estratégia metodológica baseia-se em ideias discutidas em Bussab e Morettin (1987) e Sartoris (2003). Neste âmbito, compatibilizada a base de dados, a estratégia metodológica baseou-se no seguinte tratamento dos dados:

1. Cálculo, para cada alínea NCM8 do anexo A, da distribuição de exportações entre os países destino, ano a ano no período 1997-2013¹² totalizando-se 17 anos.

12. Este período contempla duas vantagens importantes em termos analíticos e de utilidade. Em primeiro plano, reúne produtos classificados exclusivamente com base na NCM, dado que os produtos classificados com base na NBM estão catalogados para o intervalo 1989-1996. Além disso, o período 1997-2013 está inserido no contexto macroeconômico de uma só unidade monetária, o real, evitando-se, deste modo, as inúmeras distorções (de preços e de atratividade setorial) causadas pelas mudanças de moeda e volatilidade cambial associadas aos planos de estabilização monetária entre 1989 e 1994.

2. Cálculo da participação média (1997-2013) de cada país destino nas exportações de cada alínea NCM8 do item “1”.
3. Classificação dos países destino identificados em dois grupos de interesse com base em critério estatístico e de negociação comercial. Neste critério, observa-se a participação média e o desvio-padrão participativo¹³ nas exportações de cada NCM8 tratada, em termos dos respectivos países destino, assim categorizando-os:¹⁴
 - a) países líderes: com participação média, no período 1997-2013, acima de [média mais dois desvios-padrão];
 - b) mercados em crescimento ou mercados intermediários: com participação média, no período 1997-2013, entre [média mais um desvio-padrão] e [média mais dois desvios-padrão]; e
 - c) demais mercados:¹⁵ com participação média, no período 1997-2013, abaixo de [média mais um desvio-padrão].¹⁶

De modo a ser possível compreender o descrito nos subitens precedentes, emprega-se o exemplo representativo dos países destino de exportações no caso das cervejas de malte (NCM8 22030000). Para este produto 68 países foram importadores do produto brasileiro no período 1997-2013, realizando-se uma participação média de 1,5% para cada um deles no intervalo analisado. Ao mesmo tempo o desvio-padrão participativo foi da ordem de 7,1%.

13. Mesmo outras ferramentas, usadas em textos com desenvolvimentos posteriores, baseiam-se no uso de medidas de tendência central e de medidas de dispersão de distribuição para melhor compreender um fenômeno em observação. Veja-se, por exemplo, Gujarati (1995, p. 143). Aqui, empregou-se esta norma, tanto pelo seu aspecto intuitivo, como por ser operacionalizada nas apresentações teóricas e aplicadas das referências citadas.

14. Critério estruturado a partir do conceito básico dos testes estatísticos tradicionais que usam como cortes em uma dada distribuição os pontos de [média mais um desvio-padrão] e [média mais dois desvios-padrão]. Este tipo de referência é clássico em inúmeros testes estatísticos (Bussab e Morettin, 1987; Gujarati, 1995; Sartoris, 2003; Greene, 2000). Ademais, estes pontos de corte estão presentes em vários estudos sobre limitação comercial via tarifas proibitivas e sua inspiração para mensuração de mercados em exportações agropecuárias foi derivada de Gibson *et al.* (2001), Hoekman *et al.* (2001), Jank *et al.* (2002), Usda (2002) e USITC (2010). Logo, o critério atende a uma norma operacional e a elementos de negociação comercial.

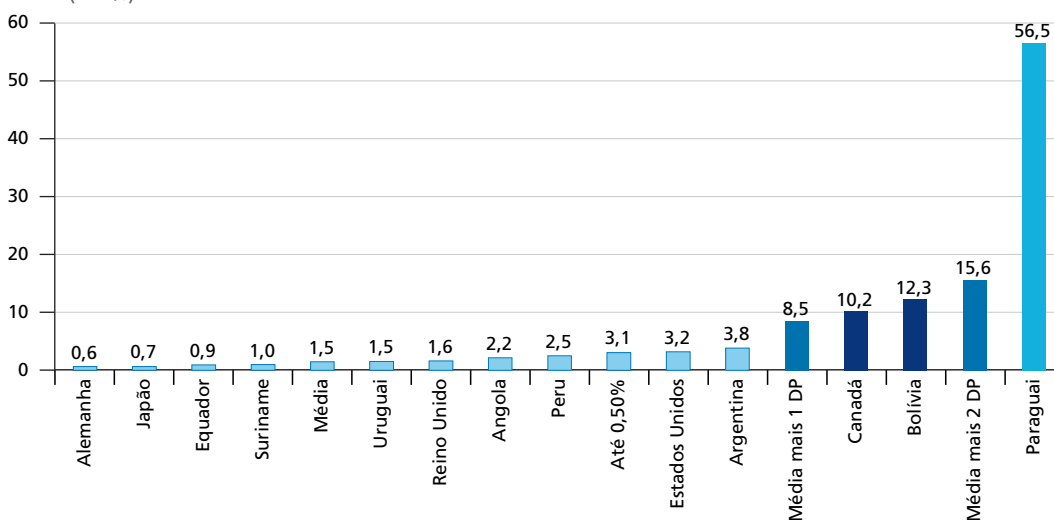
15. Em tese, é mais fácil em termos práticos/operacionais crescer nos mercados em que já se tem uma participação de base, vale dizer, um “pé naquele mercado”.

16. Tendo-se em vista os objetivos do trabalho somente serão apresentados nos resultados os países enquadrados nas alíneas a) e b) desta metodologia. Inclusive, desdobramentos maiores sobre os países identificados na alínea b) fogem ao escopo do estudo e compreendem variáveis adicionais (renda, população, distância, políticas comerciais preferenciais etc) do lado dos países demandantes e entendimento das restrições estruturais para expansão de oferta das respectivas cadeias produtoras agropecuárias.

Com esses números da estatística básica de distribuição de divisas exportadas pelo Brasil, obtiveram-se os pontos de corte antes descritos, ou seja: *i*) média mais um desvio-padrão: 8,5%; e *ii*) média mais dois desvios-padrão: 15,6%.

Para fins de apresentação gráfica, agregaram-se aqueles países importadores com participação média de até 0,50%,¹⁷ conforme observável no gráfico a seguir. Assim, nota-se que o Paraguai é o grande mercado importador deste item da produção nacional, ao passo que Bolívia e Canadá¹⁸ representariam os mercados intermediários.

GRÁFICO 1
Principais compradores de cerveja de malte brasileira (1997-2013)
(Em %)



Fonte: Brasil (2014).
Elaboração do autor.

Essa metodologia pode parecer por demais rigorosa na seleção de mercados líderes e de mercados intermediários, mas tende a ser realista à medida que sempre há um grande número de países importadores e de mercados supridores nos mercados mundiais.

17. Noruega, Guiné, Honduras, Bósnia-Herzegovina, Bahamas, Lituânia, Porto Rico, Taiwan (Formosa), Suécia, Finlândia, Moçambique, Guiana, Cayman, Ilhas, Eslováquia, Mongólia, África do Sul, Haiti, Camarões, Trinidad e Tobago, Guiné Equatorial, Benin, Namíbia, Guatemala, México, Serra Leoa, Israel, Costa do Marfim, Macau, Coreia do Sul, Guiné-Bissau, Luxemburgo, Martinica, Cingapura, Hong Kong, Líbano, Dinamarca, Panamá, Cabo Verde, Nova Zelândia, Irlanda, Bélgica, Venezuela, Guiana Francesa, Costa Rica, Chile, China, Suíça, Itália, Austrália, Espanha, França, Países Baixos (Holanda), Portugal, Colômbia, República Dominicana.

18. Apenas com base neste produto em particular, uma pergunta natural que surge é: Como elevar a presença da cerveja brasileira no mercado canadense em face das regras do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), que em muito favorecem o produto dos Estados Unidos e do México, por exemplo?

Além disso, a detecção de um número relativamente menor de países compradores pode ajudar a focalizar esforços em ganhos de espaço naqueles mercados. Nunca é excessivo ressaltar que o fôlego financeiro e de material humano das equipes negociadoras governamentais e das comitivas empresariais brasileiras são limitados, e não comparáveis aos casos de Estados Unidos e União Europeia, por exemplo.

Tal procedimento foi aplicado aos oitenta itens selecionados conforme Freitas (2014b) e presentes no anexo A. Como estratégia de análise, os resultados destes oitenta produtos foram sumarizados em grupos representativos e agregados conforme seções da NCM (Brasil, 2012) em linha com a tabela a seguir:

TABELA 2
Agregação de produtos com base na seção NCM

Descrição NCM02 (capítulo)	Seção NCM
Carnes e miudezas (NCM02)	Animais vivos e produtos do reino animal
Outros itens de origem animal (NCM05)	
Frutas (NCM08)	Produtos do reino vegetal
Café e mates (NCM09)	
Cereais (NCM10)	
Sementes e oleaginosos (NCM12)	Gorduras e óleos animais ou vegetais
Óleos animais ou vegetais (NCM15)	
Preparações de carne e peixes (NCM16)	Produtos das indústrias alimentares
Açúcares e confeitaria (NCM17)	
Cacau e preparações (NCM18)	
Preparações de hortícolas (NCM20)	
Preparações alimentícias (NCM21)	
Bebidas e vinagres (NCM22)	
Resíduos de indústrias alimentares (NCM23)	
Tabaco e manufaturados (NCM24)	
Óleos essenciais e resinóides (NCM33)	Produtos das indústrias químicas
Matérias albuminóides e colas (NCM35)	
Algodão (NCM52)	Matéria fibrosa

Fonte: Brasil (2012).
Elaboração do autor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais mercados de destino e mercados intermediários para as exportações agropecuárias, com base na análise do período 1997-2013, estão apresentados neste tópico. Tendo-se em vista a agregação em seção NCM, os resultados foram compilados nos termos da tabela 2.

Destarte, a discussão fez-se em torno do grupamento de animais vivos e produtos do reino animal, produtos do reino vegetal, gorduras e óleos animais ou vegetais, produtos das indústrias alimentares, produtos das indústrias químicas, e matéria fibrosa.¹⁹

Para fins de apresentação, os países foram ordenados com base no número de produtos nos quais são mercados compradores líderes ou intermediários. Assim, a título de exemplo, Hong Kong foi detectada como mercado líder no grupamento de animais vivos e produtos do reino animal, sendo mercado líder em seis produtos específicos (alíneas NCM8).

Em relação aos animais vivos e produtos do reino animal, tem-se a tabela 3.

TABELA 3
Mercados selecionados para animais vivos e produtos do reino animal (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Hong Kong	6	Itália	3
Alemanha	4	Espanha	2
Países Baixos (Holanda)	4	Reino Unido	2
Rússia	4	Arábia Saudita	2
Itália	3	Rússia	2
Reino Unido	2	Venezuela	1
Chile	1	Israel	1
Líbano	1	Ucrânia	1
Egito	1	Países Baixos (Holanda)	1
Irã	1	Iêmen	1
Argentina	1	Cingapura	1
Bélgica	1	China	1
Arábia Saudita	1	Benin	1
Emirados Árabes Unidos	1		
Kuwait	1		
Venezuela	1		
Japão	1		
África do Sul	1		
Espanha	1		
Canadá	1		

Elaboração do autor.

19. Os produtos aqui avaliados (1ª decil de divisas das exportações agropecuárias) representaram, em média, 96% dos valores das exportações agropecuárias brasileiras ou 28% das exportações totais no período 1989-2012.

Em alguns casos, como na tabela 3, um país foi capturado como país líder e como mercado intermediário, em função do agrupamento das NCM8 em seções NCM. A título de exemplo, a Arábia Saudita foi capturada como país líder para as carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas (NCM02071200) e como mercado intermediário para pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados (NCM02071400). Este fenômeno ocorreu também nos demais grupamentos.

Para o grupamento de animais vivos e produtos do reino animal²⁰ destaque particular deve ser dado à Hong Kong, mercado líder em seis produtos específicos, e à Rússia, líder em 4 NCMs. Também é perceptível a liderança de demanda exercida pelos países europeus (Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Reino Unido e Holanda²¹) e pelos países do Oriente Médio e adjacências (Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Irã, Kuwait e Líbano). Em todos os casos, restrições ambientais e/ou de amplitude de espaço físico são limitantes severos para maiores incrementos da produção local naquelas nações.

Em nível de mercados intermediários, a Europa Ocidental (Espanha, Itália, Holanda e Reino Unido) e os representantes do Oriente Médio (Arábia Saudita, Iêmen e Israel) novamente se destacam, cabendo ainda ênfase a regiões da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS (Rússia e Ucrânia) e a grandes mercados asiáticos²² como a China, para a qual se estima uma população total de 1,4 bilhão de habitantes em 2020 (United Nations, 2011).

Já em relação aos produtos do reino vegetal observe-se a tabela 4.

20. De acordo com Santo, Lima e Souza (2012), durante as últimas décadas, a soja e seus derivados reinaram absolutos como o principal item da pauta de exportação de produtos agrícolas. Nos últimos anos, porém, passaram a disputar a primeira posição com o grupo das carnes.

21. Cumpre observar que os portos holandeses podem funcionar precipuamente como áreas de transbordo para outros países do Velho Mundo, mais que propriamente como desembarque de consumo final de muitos produtos que se dirigem à UE. Esta ressalva aplica-se a todas as citações da Holanda neste item 4 do estudo.

22. Também em relação ao mercado asiático, a expectativa é que novos fluxos de comércio se abram proximoamente, sobretudo para a carne suína de áreas livres de febre aftosa, como Santa Catarina, principalmente por parte da demanda japonesa (Nojosa e Souza, 2011).

TABELA 4
Mercados selecionados para produtos do reino vegetal (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Países Baixos (Holanda)	8	Espanha	3
Estados Unidos	7	Reino Unido	2
Reino Unido	4	Bolívia	1
Uruguai	3	Hong Kong	1
Espanha	2	Estados Unidos	1
Alemanha	2	Bélgica	1
Japão	2	Argentina	1
Paraguai	2	México	1
Austrália	1	Uruguai	1
Argentina	1	Panamá	1
Itália	1	Guatemala	1
Chile	1		
Irã	1		
Coreia do Sul	1		
China	1		
Colômbia	1		
México	1		
Venezuela	1		

Elaboração do autor.

No contexto dos produtos do reino vegetal, observaram-se países que são líderes de demanda do produto agropecuário brasileiro, e que também são mercados intermediários, por conta da agregação em nível de seção NCM. É o que se verificou com os Estados Unidos, um dos líderes nas compras de café não torrado, não descafeinado, em grão (NCM09011110) e mercado intermediário para uvas frescas (NCM08061000).

Ênfase deve ser observada para os países da Europa Ocidental (Espanha, Alemanha, Itália, Holanda e Reino Unido) e América do Sul (Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela) como grandes compradores neste segmento de produtos. A proximidade geográfica deve ser fator importante nestes embarques em razão da própria natureza dos produtos (frutas, café e mates, cereais, sementes e oleaginosos²³), em regra mais sujeitos a condições de perecibilidade.

23. No caso específico da China, é fato reconhecido que a demanda por soja foi acionada fortemente pela produção de ração animal com vistas ao atendimento do consumo de carne naquele mercado (UNCTAD, 2013).

Esse argumento de perecibilidade deve também ser tomado em conta em termos dos mercados intermediários, com destaque para os países centro ou norte-americanos, ou seja, Estados Unidos, Guatemala, México e Panamá. Neste contexto, a Europa Ocidental ainda é um mercado a ser observado nos casos pontuais de Bélgica, Espanha e Reino Unido.

No que se relaciona ao grupamento de gorduras e óleos animais ou vegetais, tem-se a tabela 5.

TABELA 5
 Mercados selecionados para gorduras e óleos animais ou vegetais (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Índia	2	Países Baixos (Holanda)	1
Uruguai	2	Alemanha	1
Estados Unidos	2	África Do Sul	1
China	1	Trinidad e Tobago	1
Irã	1	Cuba	1
Venezuela	1		
Peru	1		
Bolívia	1		
Paraguai	1		
Itália	1		
Malásia	1		
Turquia	1		
Espanha	1		
Tunísia	1		
Países Baixos (Holanda)	1		
Argentina	1		
Japão	1		
Alemanha	1		

Elaboração do autor.

Essa seção NCM é representada apenas e tão somente pelas gorduras e óleos animais ou vegetais (capítulo 15). Índia, Uruguai e Estados Unidos são destaques individuais, mercados líderes em dois produtos específicos cada. Igualmente, para este grupo de produtos evidencia-se a demanda de vizinhos sul-americanos (Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela) e de representantes europeus (Alemanha, Espanha, Itália, Holanda

e Turquia) e asiáticos (China, Índia, Malásia e Japão²⁴). A título de exemplo, projeta-se que em 2015 os quatro países asiáticos citados sejam responsáveis por 39% da população mundial (United Nations, 2011).

Já os mercados intermediários identificados foram em pequeno número e diversificados, embora ainda com menção à presença dos países europeus ocidentais, Alemanha e Holanda.

Em se tratando das exportações brasileiras de produtos das indústrias alimentares obtiveram-se os dados da tabela 6, a seguir.

TABELA 6
Mercados selecionados para produtos das indústrias alimentares (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Estados Unidos	20	Argentina	6
Argentina	10	Países Baixos (Holanda)	6
Países Baixos (Holanda)	10	Bolívia	5
Alemanha	7	Japão	5
Paraguai	7	Venezuela	4
Bélgica	6	Bélgica	3
Japão	6	Canadá	3
Reino Unido	4	Uruguai	3
Chile	3	Alemanha	2
Rússia	3	Angola	2
África do Sul	2	Congo	2
México	2	Emirados Árabes Unidos	2
Uruguai	2	Espanha	2
Angola	1	Estados Unidos	2
Arábia Saudita	1	Filipinas	2
Bolívia	1	França	2
Canadá	1	Marrocos	2
China	1	Paraguai	2
Colômbia	1	Reino Unido	2
Coreia do Sul	1	África do Sul	1
Egito	1	Argélia	1

(Continua)

24. De acordo com Nojosa e Souza (2011), o frango brasileiro responde hoje por cerca de 90% do total importado pelo Japão. Nosso país é o principal fornecedor de café em grão, com 28% das importações nipônicas. O Brasil também exporta ao Japão outros produtos como soja, milho, fumo e álcool.

(Continuação)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Emirados Árabes Unidos	1	Austrália	1
França	1	Colômbia	1
Gana	1	Coreia do Sul	1
Iêmen	1	Egito	1
Itália	1	Índia	1
Mauritânia	1	Irã	1
Nigéria	1	Iraque	1
Ucrânia	1	Itália	1
Venezuela	1	Jamaica	1
		México	1
		Nigéria	1
		Rússia	1
		Síria	1
		Somália	1
		Sri Lanka	1
		Tailândia	1

Elaboração do autor.

Essa última tabela reúne 8 capítulos NCM²⁵ e, portanto, tende a naturalmente contemplar o maior número de destinos para as exportações agropecuárias brasileiras. Apenas por este aspecto mereceria um estudo dedicado, o que pode ser o tema para investigações específicas no futuro.

Três grandes mercados líderes foram identificados nos Estados Unidos, na Argentina e na Holanda. Por regiões do globo merecem citação sete países vizinhos sul-americanos (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela). Ao mesmo tempo, África e Europa Ocidental também apresentam importantes compradores nestes itens. Alemanha, França, Bélgica, Itália, Holanda e Reino Unido do lado europeu; e África do Sul, Angola, Gana, Mauritânia, e Nigéria, no continente africano. Ademais, Arábia Saudita, Egito²⁶, Emirados Árabes Unidos e Iêmen também merecem citação do lado do Oriente Médio e adjacências.

25. Preparações de carne e peixes (NCM16), açúcares e confeitaria (NCM17), cacau e preparações (NCM18), preparações de hortícolas (NCM20), preparações alimentícias (NCM21), bebidas e vinagres (NCM22), resíduos de indústrias alimentares (NCM23) e tabaco e manufaturados (NCM24).

26. Conquanto pertença à África, o Egito foi contabilizado na região de Oriente Médio e adjacências.

Um comentário importante neste ponto refere-se ao grande número de países que são mercados intermediários e que são simultaneamente demandantes líderes no grupamento. É o caso dos mercados de África do Sul, Alemanha, Angola, Argentina, Bélgica, Bolívia, Canadá, Colômbia, Coreia do Sul, Egito, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos, França, Itália, Japão, México, Nigéria, Holanda, Paraguai, Reino Unido, Rússia, Uruguai e Venezuela.

Já em termos dos produtos das indústrias químicas, tem-se a tabela 7.

TABELA 7
Mercados selecionados para produtos das indústrias químicas (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Estados Unidos	4	Reino Unido	1
Trinidad e Tobago	1		
Países Baixos (Holanda)	1		
Japão	1		
Reino Unido	1		
Alemanha	1		
França	1		

Elaboração do autor.

Em relação às exportações agropecuárias no âmbito dos produtos das indústrias químicas, é dominante a demanda oriunda de países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos. Nações da Europa Ocidental (Alemanha, França, Países Baixos e Reino Unido) e Japão vêm em segundo patamar. O Reino Unido seria inclusive um mercado intermediário para melhores resultados neste grupamento.

Por fim, no que reporta às matérias fibrosas, observe-se a tabela 8.

TABELA 8
Mercados selecionados para matérias fibrosas (1997-2013)

Mercados líderes	Produtos	Mercados intermediários	Produtos
Indonésia	1	Tailândia	1
Argentina	1	Itália	1

Elaboração do autor.

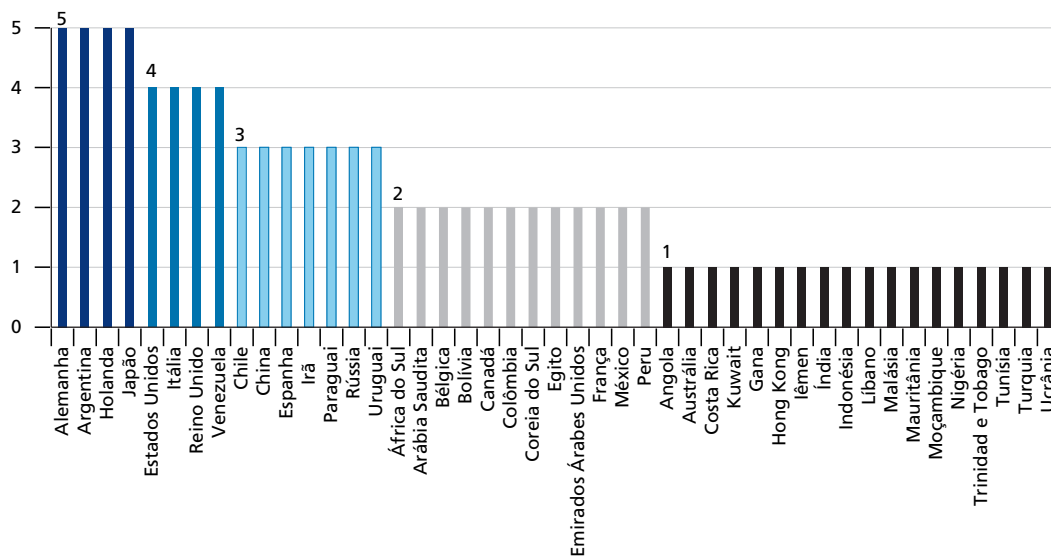
O grupamento das matérias fibrosas detém apenas o algodão não debulhado, não cardado nem penteado (NCM 52010010), razão pela qual a identificação de

países com maior demanda do produto brasileiro é bastante direta, com destaque para as demandas de Indonésia e Argentina.

Além das avaliações relativas a cada um dos grupamentos de produtos (seções NCM) é válido destacar os países líderes que apareceram simultaneamente no maior número de grupamentos de produtos. Neste recorte, Alemanha, Argentina, Japão e Holanda são os parceiros comerciais com maior presença, tendo surgido em cinco dos seis grupamentos estudados. Estados Unidos, Itália, Reino Unido e Venezuela surgiram simultaneamente quatro vezes, enquanto Chile, China, Espanha, Irã, Paraguai, Rússia e Uruguai apresentaram-se em três das seis seções NCM analisadas.

O gráfico 2 exibe a presença dos países líderes na aquisição de produtos agropecuários brasileiros entre os grupamentos (seções NCM) relevantes, bem como a distribuição por regiões geográficas do globo.

GRÁFICO 2
Presença dos países líderes nos grupamentos (seções NCM) de produtos e distribuição por regiões do globo (1997-2013)



América do Sul: 8 países
União Europeia: 8 países
Ásia: 7 países

Oriente Médio/adjacências: 7 países
África: 7 países
América do Norte: 3 países

Eurásia: 2 países
América Central: 2 países
Oceania: 1 país

Elaboração do autor.

Obs.: No caso das exportações da NCM 23099040 (preparações contendo diclazuril, utilizadas na alimentação de animais) nenhum país atendeu aos critérios da metodologia. Contudo, México, Costa Rica, Moçambique e Peru foram incluídos, pois concentraram demanda participativa da ordem de 16,67% na média anual 1997-2013.

Em termos de regiões geográficas do globo a União Europeia e a América do Sul apresentam os maiores mercados em número de países líderes compradores. Em que pese o grande crescimento de demanda dos mercados asiáticos, a proximidade da América do Sul e as preferências comerciais locais favorecem a venda de produtos agropecuários aos vizinhos brasileiros. Já a União Europeia persiste sendo uma forte demandante global por alimentos e sempre teve na oferta brasileira uma fonte de suprimentos, mesmo no contexto das políticas de apoio à agricultura doméstica e proteções tarifária e não tarifária empreendidas historicamente pelo bloco europeu.

Em segundo escalão, os países asiáticos, do Oriente Médio e os africanos são também mercados de liderança na aquisição de produtos agropecuários brasileiros, cabendo ao Oriente Médio uma posição relativamente consolidada na demanda por carnes da produção brasileira.

Outro ponto a destacar é a presença detectada dos três representantes da América do Norte, México, Estados Unidos e Canadá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil tem uma trajetória histórica de produção em itens como açúcar e café, e hoje o país demonstra *expertise* na produção, abastecimento interno e exportação de uma maior variedade de produtos agropecuários e de seus processados. O esforço de revisão teórica permitiu detectar produções nas quais têm sido proeminentes as vantagens comparativas do país, a exemplo de milho, soja em grão, carne bovina, carne de frango, carne suína, açúcar e café, além de itens promissores, como bebidas, frutas e produtos das indústrias alimentares e das indústrias químicas.

Sob tal contexto, o objetivo do estudo foi identificar os principais compradores de produtos agropecuários brasileiros.

Para o grupamento de animais vivos e produtos do reino animal, evidencia-se a demanda exercida por Hong Kong, pela Rússia, pelos países europeus (Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Reino Unido e Holanda) e pelos países do Oriente Médio e adjacências (Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Irã, Kuwait e Líbano), possivelmente associados a restrições ambientais naqueles países.

Em termos dos produtos do reino vegetal, enfatizam-se os países da América do Sul (Argentina, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela) e Europa Ocidental (Espanha, Itália, Holanda Alemanha e Reino Unido) como grandes compradores neste segmento de produtos. A proximidade geográfica deve ser fator importante nestes embarques em razão da própria perecibilidade dos produtos deste grupamento.

Para o caso de gorduras e óleos animais ou vegetais, Índia, Uruguai e Estados Unidos merecem apontamento individual. Em nível de regiões, a demanda mais destacável é a de vizinhos sul-americanos (Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela), e de representantes europeus (Alemanha, Espanha, Itália, Holanda e Turquia) e asiáticos (China, Índia, Malásia e Japão), cabendo aos mercados asiáticos potencialidades a serem melhor investigadas, vez que devem concentrar os acréscimos mais expressivos de consumidores em futuro próximo.

Em termos dos produtos das indústrias alimentares, que contemplam 38 dos oitenta produtos aqui referidos, os principais compradores são Estados Unidos, Argentina e Países Baixos. Regionalmente, os mercados líderes encontram-se entre vizinhos sul-americanos (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Venezuela), países africanos (África do Sul, Angola, Gana, Mauritânia, e Nigéria), e representantes da Europa Ocidental (Alemanha, França, Bélgica, Itália, Holanda e Reino Unido). Outra região que deve aqui ser considerada é a do Oriente Médio e adjacências, particularmente Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos e Iêmen.

Quanto às exportações agropecuárias dos produtos das indústrias químicas, é dominante a demanda oriunda de países desenvolvidos (Alemanha, Estados Unidos, França, Japão, Holanda e Reino Unido), com ênfase para a demanda norte-americana, ao passo que em matérias fibrosas as demandas de Indonésia e Argentina são as de maior expressão.

De modo geral, Europa Ocidental e vizinhos sul-americanos são relevantes em todos os grupamentos analisados, enquanto os países do Oriente Médio são mais significativos para as demandas de animais vivos e produtos do reino animal (proteínas em carnes e miudezas e em preparações de carnes) e os países africanos são importantes na demanda por produtos das indústrias alimentares brasileiras.

Em paralelo, são destacáveis os países líderes que apareceram simultaneamente no maior número de grupamentos de produtos. São 45 países que respondem por boa parte das demandas por exportações agropecuárias brasileiras, um grupo já selecionado de países do mundo, vez que há 193 países hoje membros das Nações Unidas (United Nations, 2014)

Nesse recorte, Alemanha, Argentina, Japão e Holanda são os parceiros comerciais com maior presença, tendo surgido em cinco dos seis grupamentos estudados. Estados Unidos, Itália, Reino Unido e Venezuela apareceram simultaneamente quatro vezes, enquanto Chile, China, Paraguai, Espanha, Irã, Rússia e Uruguai apresentaram-se em três das seis seções NCM analisadas.

Em termos de regiões geográficas do globo a União Europeia e a América do Sul apresentaram maior número de países líderes compradores. Não obstante o notável crescimento de demanda dos mercados asiáticos, a proximidade da América do Sul e as preferências comerciais locais favorecem a venda de produtos agropecuários aos vizinhos brasileiros. Já os países europeus persistem sendo fortes demandantes globais por alimentos e sempre tiveram na oferta brasileira uma fonte de suprimentos, mesmo no contexto das políticas de apoio interno cristalizadas na Política Agrícola Comum (PAC).

Em segundo escalão, os países asiáticos, do Oriente Médio e africanos são também mercados de liderança na aquisição de produtos agropecuários brasileiros, cabendo ao Oriente Médio uma posição relativamente consolidada na demanda por carnes da produção brasileira.

Em terceiro plano, não se pode menosprezar a presença detectada dos três representantes da América do Norte, México, Estados Unidos e Canadá.

A seleção dos países líderes pode ser insumo para focalizar esforços em aquinhoar espaços naqueles mercados, sobretudo face às limitações financeiras e de material humano das equipes negociadoras brasileiras e das comitivas do empresariado local em fóruns internacionais, por exemplo.

Seriam bem vindos novos trabalhos que visitassem as seguintes questões: quais os grandes exportadores e concorrentes mundiais dos produtos aqui analisados? Para quem eles exportam? Quais as dificuldades logísticas internas e externas para o Brasil

exportar estes produtos? As respostas a tais questionamentos também são insumo para subsidiar as estratégias comerciais brasileiras e para aferir realisticamente a capacidade de crescimento do produto local nos mercados líderes detectados.

O texto também permitiu identificar uma série de mercados intermediários, que eventualmente guardam o potencial para uma revigorada inserção internacional da produção agropecuária local. Mapeados os mercados líderes e os mercados intermediários, seria possível a análise do potencial de crescimento destes parceiros comerciais e de seus impactos na tela de oportunidades das exportações agropecuárias do país.

REFERÊNCIAS

ANTONIOLLI, D.; OZAKI, V. A.; MIRANDA, S. H. G. Exigências dos Estados Unidos na importação de carne: avaliação das inspeções. **Revista de Política Agrícola**, ano 16, n. 1, jan./mar. 2007.

BARROS, J. R. M. O Brasil e a agricultura mundial. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 fev. 2012. Caderno economia.

BARROS, J. R. M.; GOLDENSTEIN, L. Avaliação do processo de reestruturação industrial brasileiro. **Revista de Economia Política**, v. 17, n. 2 (66), abr./jun. 1997.

BONELLI, R.; MALAN, P. S. Os limites do possível: notas sobre o balanço de pagamentos e indústria nos anos 70. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 6, n. 2, p. 353-406, ago. 1976.

BRASIL. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Códigos e descrições – NCM**. Brasília: MDIC, 2012. 8 p.

_____. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Aliceweb**. Brasília: MDIC, 2013. Disponível: <<http://goo.gl/HhqwM>>. Acesso em: jan./mar. 2013.

_____. Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Aliceweb**. Brasília: MDIC, 2014. Disponível: <<http://goo.gl/V53Fko>>. Acesso em: jan./maio 2014.

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. **Estatística básica**. São Paulo: Atual Editora, 1987. 322 p.

CONTINI, E. *et al.* Exportações – motor do agronegócio brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, ano 21, n. 2, p. 79-102, abr./jun. 2012.

CORREA, V. H. C.; RAMOS, P. A precariedade do transporte rodoviário brasileiro para o escoamento da produção de soja do CO: situação e perspectivas. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 447-472, abr./jun. 2010.

FERREIRA, M. A. S.; TEIXEIRA, E. C.; SOUZA, M. C. Determinantes da receita de exportação brasileira de açúcar e álcool. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 47-59, jul./dez. 2009.

FONSECA, H. V. P.; XAVIER, L. F.; COSTA, E. F. Análise das exportações de uvas frescas. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 81-98, jul./dez. 2010.

FREITAS, R. E. A agropecuária na balança comercial brasileira. **Revista de Política Agrícola**, v. 23, p. 77-90, 2014a.

_____. **Exportações agropecuárias brasileiras: uma avaliação dos produtos líderes período 1989-2012**. Brasília: Ipea, 2014b. (Texto para Discussão, n. 1964).

FREITAS, R. E.; MENDONÇA, M. A. A.; LOPES, G. O. Expansão de área agrícola no período 1994-2010. **Revista de Política Agrícola**, v. 22, p. 31-47, 2013.

_____. **Expansão de área agrícola: perfil e desigualdade entre as mesorregiões brasileiras**. Brasília: Ipea, 2014. (Texto para Discussão, n. 1926).

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 352 p.

GASQUES, J. G. **Qual o futuro da produção de alimentos?** Brasília: Code/Ipea, 2011.

GIAMBIAGI, F. Restrições ao crescimento da economia brasileira: uma visão de longo prazo. *In: Desafios ao crescimento da economia brasileira*. Rio Estudos n.112, jul. 2003.

GIBSON, P. *et al.* **Profiles of tariffs in global agricultural markets**. Washington: USDA, 2001. 44 p.

GREENE, W. H. **Econometric Analysis**. 4. ed. New Jersey: Prentice-Hall, 2000. 1004 p.

GUJARATI, D. **Basic Econometrics**. Singapore: Mc Graw Hill, 1995. 838 p.

HOEKMAN, B.; FRANCIS, N.; OLARREAGA, M. **Tariff peaks in the quad and least developed country exports**. Londres: CEPR, 2001. 55 p.

IAPC – INTERAGENCY AGRICULTURAL PROJECTIONS COMMITTEE. **Usda Agricultural Projections to 2021**. Washington, 2012. 102 p.

INMETRO – INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, NORMALIZAÇÃO E QUALIDADE INDUSTRIAL. **Produção Integrada de Frutas – PIF**. Rio de Janeiro: Inmetro, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/oqcQw8>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

JANK, M. S. *et al.* **A política agrícola comum da União Europeia e seu impacto nas negociações internacionais**. Brasília: MRE, 2002. 147 p.

JOHNSON, G. Population, food, and knowledge. **The American Economic Review**, Pittsburgh, v. 90, n. 1, p. 1-4, 2000.

LOPES, M. R. *et al.* Mudanças de paradigmas – Fonte de crescimento do agronegócio brasileiro. **Revista de Política Agrícola**, ano 20, n. 3, jul./set. 2011.

MIELE, M.; WAQUIL, P. D. Cadeia produtiva da carne suína no Brasil. **Revista de Política Agrícola**, ano 26, n.1, jan./mar. 2007.

NASTARI, P. Perspectiva de eliminação de cotas de produção. **Agroanalysis**, v. 32, n. 1, jan. 2012.

NOGUEIRA, A. C. L. **Análise de conjuntura: perspectivas do agronegócio global e impactos no Brasil**. São Paulo: Fipe/USP, jul. 2014. 3 p.

NOJOSA, G. B.; SOUZA, E. T. Japão – crise e oportunidade. **Agroanalysis**, set. 2011.

OECD – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Food and Agriculture Organization OECD-FAO. **OECD-FAO Agricultural Outlook 2014**. OECD Publishing, 2011. p. 447-467.

OLIVEIRA, S. M.; RUBIN, L. S.; SILVA, T. N. Estratégia de diferenciação por meio do selo de indicação de procedência da região do Vale dos Vinhedos no Estado do RS. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2010.

PINHEIRO, A. C.; GIAMBIAGI, F. Lucratividade, dividendos e investimentos das empresas estatais: uma contribuição para o debate sobre a privatização no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 51, n. 1, p. 93-131, jan./mar. 1997.

SÁ, C. D.; MARINO, M. K.; MIZUMOTO, F. M. Redução ou manutenção de subsídios? **Agroanalysis**, v. 32, n. 1, jan. 2012.

SANTANA, C. A. M.; CONTINI, E. Alimentos – prioridade do Brasil e do mundo! **Agroanalysis**, set./2011.

SANTANA, C. A. M.; CONTINI, E.; MARTHA JÚNIOR, G. **Alimentos: grande desafio global**. Brasília: Embrapa Estudos e Capacitação, 2011. 2 p. (Perspectiva: Pesquisa Agropecuária, n. 2).

SANTO, B. R. E.; LIMA, M. L. F. N.; SOUZA, C. B. S. Os vinte principais mercados para exportação agrícola no futuro. **Revista de Política Agrícola**, ano 21, n. 1, jan./mar. 2012.

SARTORIS, A. **Estatística e introdução à econometria**. São Paulo: Saraiva, 2003. 426p.

SILVA, S. Z.; TRICHES, D.; MALAFAIA, G. Análise das barreiras não tarifárias à exportação na cadeia da carne bovina brasileira. **Revista de Política Agrícola**, ano 20, n. 2, abr./jun. 2011.

SOUSA, L. O. *et al.* Análise das intervenções nas exportações de açúcar bruto do Brasil para a Rússia, de 1997 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, ano 20, n. 3, jul./set. 2011.

SOUZA, R. S. *et al.* Competividade dos principais produtos agropecuários do Brasil (vantagem comparativa revelada normalizada). **Revista de Política Agrícola**, ano 21, n. 2, abr./jun. 2012.

TEIXEIRA FILHO, A. R.; VIEIRA, R. C. M. T.; OLIVEIRA, A. J. Análise conjunta das cadeias produtivas. *In*: VIEIRA, R. C. M. T. *et al.* (Eds.). **Cadeias produtivas no Brasil: análise da competitividade**. Brasília: Embrapa Comunicação, out.-nov.-dez., 2001.

TELTEBOIM; M. C. *et al.* Limites máximos de resíduos e suas implicações no comércio internacional de frutas. **Revista de Política Agrícola**, ano 16, n. 1, jan./mar. 2007.

TROSTLE, R. **Global agricultural supply and demand: factors contributing to the recent increase in food commodity prices**, July 2008. 30 p. Disponível em: <<http://goo.gl/80Zdq9>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

UNCTAD – UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Trade and Development Report**. Geneva, 2013.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. **World population prospects: the 2010 revision: total population – both sexes**. Disponível em: <<http://goo.gl/IYB-JzG>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. Department of Economic and Social Affairs. **Member States of the United Nations**. Disponível em: <<http://goo.gl/VsPnWS>>. Acesso em: 29 set. 2014.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **The U.S. WTO agriculture proposal**. Washington, 2002. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/itp/wto/proposal.htm>>. Acesso em: 12 Dec. 2002.

USITC – UNITED STATES INTERNATIONAL TRADE COMMISSION. **Small and medium-sized enterprises: characteristics and performance**. Washington: USITC, Nov. 2010. Investigation n. 332-510, USITC Publication 4189.

WTO – WORLD TRADE ORGANIZATION. **Agreement on Agriculture**. Disponível em: <<http://goo.gl/CbFY73>>. Acesso: 20 dez. 2011.

_____. **Understanding the WTO: the organization – Members and Observers**. Disponível em: <<http://goo.gl/YW962X>>. Acesso: 29 ago. 2014.

ANEXO A

TABELA A.1

Alíneas agropecuárias selecionadas (D1) nas exportações brasileiras (1989-2012)

Código NCM	Descrição NCM	Descrição NCM02
02013000	Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas	Carnes e miudezas (02)
02023000	Carnes desossadas de bovino, congeladas	Carnes e miudezas (02)
02032900	Outras carnes de suíno, congeladas	Carnes e miudezas (02)
02050000	Carnes de cavalo, asinino e muar, frescas, refrig.ou cong.	Carnes e miudezas (02)
02062990	Outras miudezas comestíveis de bovino, congeladas	Carnes e miudezas (02)
02071200	Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedaços, congelados	Carnes e miudezas (02)
02071400	Pedaços e miudezas, comest.de galos/galinhas, congelados	Carnes e miudezas (02)
02072700	Carnes de peruas/perus, em pedaços e miudezas, congeladas	Carnes e miudezas (02)
05040011	Tripas de bovinos, frescas, refrigeradas, congeladas, salgadas, defumadas	Outros itens de origem animal (05)
05040090	Bexigas e estômagos, de animais, exceto peixes, frescas, etc.	Outros itens de origem animal (05)
05119910	Embriões de animais	Outros itens de origem animal (05)
08012100	Castanha-do-pará, fresca ou seca, com casca	Frutas (08)
08012200	Castanha-do-pará, fresca ou seca, sem casca	Frutas (08)
08013200	Castanha de caju, fresca ou seca, sem casca	Frutas (08)
08030000	Bananas frescas ou secas	Frutas (08)
08045000	Goiabas, mangas e manhosões, frescos ou secos	Frutas (08)
08051000	Laranjas frescas ou secas	Frutas (08)
08061000	Uvas frescas	Frutas (08)
08071900	Melões frescos	Frutas (08)
08081000	Macas frescas	Frutas (08)
09011110	Café não torrado, não desafinado, em grão	Café e mates (09)
09024000	Chá preto (fermentado/parcialm.) Apresent. qq. out. forma	Café e mates (09)
09030010	Mate simplesmente cancheado	Café e mates (09)
09030090	Outros tipos de mate	Café e mates (09)
09041100	Pimenta "piper", seca	Café e mates (09)
10059010	Milho em grão, exceto para semente	Cereais (10)
12010010	Soja para semente	Sementes e oleaginosos (12)
12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	Sementes e oleaginosos (12)
12092900	Outras sementes forrageiras, para semente	Sementes e oleaginosos (12)
15071000	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	Óleos animais ou vegetais (15)
15079011	Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade<=5l	Óleos animais ou vegetais (15)
15081000	Óleo de amendoim, em bruto	Óleos animais ou vegetais (15)

(Continua)

(Continuação)

Código NCM	Descrição NCM	Descrição NCM02
15122910	Óleo de algodão, refinado	Óleos animais ou vegetais (15)
15152100	Óleo de milho, em bruto	Óleos animais ou vegetais (15)
15162000	Gorduras e óleos, vegetais, hidrogens. interesterifs.etc.	Óleos animais ou vegetais (15)
15211000	Ceras vegetais	Óleos animais ou vegetais (15)
16023200	Preparações alimentícias e conservas, de galos, galinhas	Preparações de carne e peixes (16)
16025000	Preparações alimentícias e conservas, de bovinos	Preparações de carne e peixes (16)
16030000	Extratos e sucos, de carnes, de peixes, de crustáceos, etc.	Preparações de carne e peixes (16)
17011100	Açúcar de cana, em bruto	Açúcares e confeitaria (17)
17019900	Outs.acucares de cana, beterraba, sacarose quim. pura, sol.	Açúcares e confeitaria (17)
17041000	Gomas de mascar, sem cacau, mesmo revestidas de açúcar	Açúcares e confeitaria (17)
17049020	Bombons, caramelos, confeitos e pastilhas, sem cacau	Açúcares e confeitaria (17)
17049090	Outros produtos de confeitaria, sem cacau	Açúcares e confeitaria (17)
18010000	Cacau inteiro ou partido, em bruto ou torrado	Cacau e preparações (18)
18031000	Pasta de cacau, não desengordurada	Cacau e preparações (18)
18032000	Pasta de cacau, total ou parcialmente desengordurada	Cacau e preparações (18)
18040000	Manteiga, gordura e óleo, de cacau	Cacau e preparações (18)
18050000	Cacau em pó, sem adição de açúcar ou outros edulcorantes	Cacau e preparações (18)
18063210	Chocolate não recheado, em tabletes, barras e paus	Cacau e preparações (18)
18069000	Outros chocolates e preparações alimentícias contendo cacau	Cacau e preparações (18)
20029010	Sucos de tomates	Preparações de hortícolas (20)
20089100	Palmitos preparados ou conservados	Preparações de hortícolas (20)
20089900	Outs. frutas, partes de plantas, preparos/conservs.out.modos	Preparações de hortícolas (20)
20091100	Sucos de laranjas, congelados, não fermentados	Preparações de hortícolas (20)
20091900	Outros sucos de laranjas, não fermentados	Preparações de hortícolas (20)
20096000	Sucos de uvas (inclusive os mostos de uvas), não fermentados	Preparações de hortícolas (20)
20098000	Sucos de outras frutas, produtos hortícolas, não fermentados	Preparações de hortícolas (20)
21011110	Café solúvel, mesmo desafinado	Preparações alimentícias (21)
21011190	Outros extratos, essências e concentrados, de café	Preparações alimentícias (21)
21069010	Outras preparações para elaboração de bebidas	Preparações alimentícias (21)
22030000	Cervejas de malte	Bebidas e vinagres (22)
22071000	Álcool etílico n/desnaturado c/vol.teor alcoólico>=80%	Bebidas e vinagres (22)
23040090	Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	Resíduos de ind. Alimentares (23)
23067000	Tortas e outros resíduos sólidos, do germe de milho	Resíduos de ind. Alimentares (23)
23089000	Matérias, desperdícios, resids.etc.vegetais, p/alim.animal	Resíduos de ind. Alimentares (23)
23099040	Preparações cont.diclazuril, util.na aliment.de animais	Resíduos de ind. Alimentares (23)
23099090	Outras preparações para alimentação de animais	Resíduos de ind. Alimentares (23)

(Continua)

(Continuação)

Código NCM	Descrição NCM	Descrição NCM02
24011010	Fumo n/manufat. n/destalado, em folhas, s/secar, n/ferment.	Tabaco e manufaturados (24)
24011030	Fumo n/manufat. n/destal. em fls.secas, etc.tipo Virgínia	Tabaco e manufaturados (24)
24012030	Fumo n/manuf.total/parc.destal.fl.s.secas, etc. Virgínia	Tabaco e manufaturados (24)
24012040	Fumo n/manuf.total/parc.destal.fl.s.secas, tipo "burley"	Tabaco e manufaturados (24)
24013000	Desperdícios de fumo	Tabaco e manufaturados (24)
24022000	Cigarros de fumo	Tabaco e manufaturados (24)
33011210	Óleo essencial, de "petit grain" de laranja	Óleos essenciais e resinóides (33)
33011290	Outros óleos essenciais, de laranja	Óleos essenciais e resinóides (33)
33019020	Subprodutos terpênicos residuais da desterpenização óleos essenciais	Óleos essenciais e resinóides (33)
35030019	Outras gelatinas e seus derivados	Matérias albuminóides e colas (35)
35040011	Peptonas e peptonatos	Matérias albuminóides e colas (35)
52010010	Algodão não debulhado, não cardado nem penteado	Algodão (52)

Fonte: Freitas (2014b).

EDITORIAL

Coordenação

Cláudio Passos de Oliveira

Supervisão

Everson da Silva Moura

Reginaldo da Silva Domingos

Revisão

Ângela Pereira da Silva de Oliveira

Clícia Silveira Rodrigues

Idalina Barbara de Castro

Leonardo Moreira Vallejo

Marcelo Araujo de Sales Aguiar

Marco Aurélio Dias Pires

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Bárbara Seixas Arreguy Pimentel (estagiária)

Erika Adami Santos Peixoto (estagiária)

Jéssica de Almeida Corsini (estagiária)

Laryssa Vitória Santana (estagiária)

Manuella Sâmella Borges Muniz (estagiária)

Thayles Moura dos Santos (estagiária)

Thércio Lima Menezes (estagiário)

Editoração

Bernar José Vieira

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniella Silva Nogueira

Danilo Leite de Macedo Tavares

Diego André Souza Santos

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

Capa

Luís Cláudio Cardoso da Silva

Projeto Gráfico

Renato Rodrigues Bueno

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Livraria Ipea

SBS – Quadra 1 - Bloco J - Ed. BNDES, Térreo.

70076-900 – Brasília – DF

Fone: (61) 3315-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Secretaria de
Assuntos Estratégicos

